

# A CONSTITUIÇÃO DO ADVÉRBIO JUNTIVO ADVERSATIVO *TODAVIA* NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Tatiana Mazza da SILVA (UNESP-SJRP/FAPESP)

## Introdução

Esse trabalho, parte de um projeto maior que investiga a gramaticalização de advérbios juntivos adversativos na história do português, objetiva descrever a mudança sintático-semântico do item *todavia* do século XIII até a sincronia atual, sob a perspectiva da gramaticalização, com vistas a comprovar a hipótese de uma trajetória do tipo *advérbio > conjunção*, por meio de análises contextuais que expliquem o surgimento do uso conjuncional adversativo na história do português. Segundo Houaiss (1991), *todavia*, datado do século XIII, foi formado, no latim, da junção do pronome indefinido *tota* com o sintagma nominal *via*, com sentido de *em todo o caminho*. No português arcaico, passou a integrar a classe dos advérbios, com o sentido originário de *sempre, constantemente*.

Com base nos critérios de frequência *token* e *type* (HEINE, 1991; BYBEE *et al.* 1994; BYBEE, 2002, 2003), verificamos as ocorrências desse item levando em conta os seguintes fatores: (i) categoria do item; (ii) função semântica estabelecida; (iii) século. Baseados nos estudos de Sweetser (1990) sobre os adversativos “*tuttavia*”, no italiano, e “*anyway*”, no inglês, reconstruímos a trajetória diacrônica do adversativo português “*todavia*”, a fim de observarmos as semelhanças com esses adversativos e de diagnosticarmos a importância da metáfora para o processo de mudança do item.

Para análise, foram selecionados textos variados de fontes históricas e também dados de escrita do português contemporâneo. Para compor o *corpus* diacrônico, foram selecionados textos pertencentes ao “Corpus Diacrônico do Português”, organizado por Longhin-Thomazi (2007), disponível no site [www.cdp.ibilce.unesp.br](http://www.cdp.ibilce.unesp.br), complementados pelos dados do “Banco Informatizado de Textos”, do Projeto para a História do Português (BIT-PROHPOR), de responsabilidade dos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. Para representar o século XX, foram selecionados alguns textos do Banco Lexicográfico da UNESP-Araraquara e, representativo do século XXI, selecionamos alguns textos de caráter opinativo-argumentativo (painel de leitores, editoriais, crônicas jornalísticas) do jornal “Folha de São Paulo”.

## 1. Fundamentação teórica

Em linhas gerais, segundo Hopper & Traugott (2003), a gramaticalização pode ser entendida como um processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos, a assumir funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Segundo Traugott (1982, 1999) e Traugott e König (1991), esse processo de mudança envolve uma pragmatização crescente de significados (mudança semântica) e uma recategorização do item (mudança sintática).

A unidirecionalidade, princípio fundamental da gramaticalização, norteia todos os processos de mudança, uma vez que a mudança segue um caminho único, sempre do mais lexical para o mais gramatical, e não vice-versa.

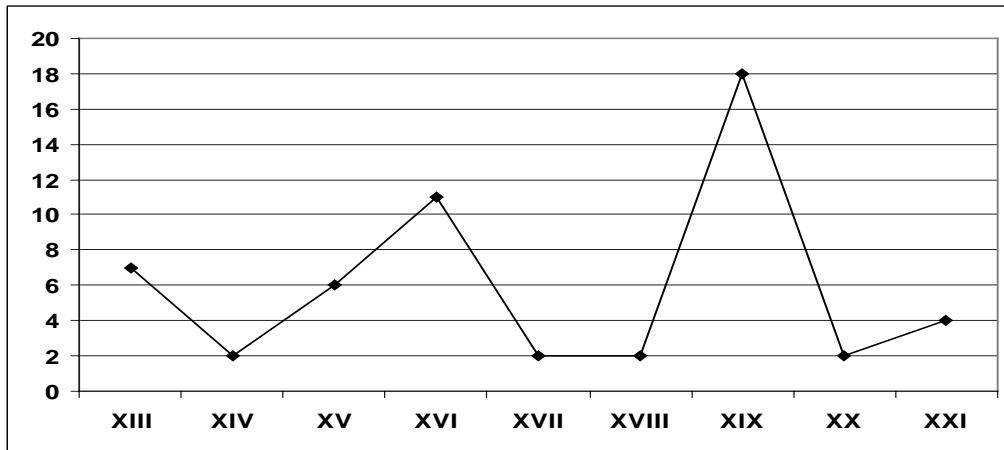
Essa hipótese da unidirecionalidade pode ser vista tanto na própria definição de gramaticalização, a qual pressupõe um aumento de gramaticalidade, pois um item lexical adquire características de um item gramatical, e não vice-versa, quanto nos mecanismos que regem o processo, sendo os principais a metáfora e a metonímia.

A metáfora, de modo geral, pode ser entendida como o uso de um item do domínio concreto que é empregado num domínio mais abstrato; já a metonímia, também chamada de *reinterpretação induzida pelo contexto*, refere-se à mudança que uma determinada forma sofre devido ao contexto que está sendo utilizada.

Dentro da gramaticalização de conjunções, os trabalhos de Traugott (1982, 1999), de Traugott e König (1991) e de Sweetser (1990) são importantes referências. Esses autores advogam que, no processo de gramaticalização, um item passa de significados referenciais, mais concretos, a significados pautados na atitude do falante acerca do que está sendo dito, intermediados por significados relacionados com a construção textual.

## 2. A mudança sintático-semântica de *todavia* na história do português

No gráfico 1, apresentamos a frequência *token* de *todavia* no período dos séculos XIII a XXI.



**Gráfico 01:** Frequência *token* de *todavia* do século XIII ao XXI

Embora *todavia* apresente uma frequência oscilante no decorrer da história da língua portuguesa, ocorre em todas as sincronias investigadas. A frequência *token* de *todavia* aumenta do século XIV ao XVI, mantém-se estável nos séculos XVII e XVIII e alcança seu maior pico no século XIX; termina nos dois séculos subsequentes com índices bastante baixos, o que revela que, no português contemporâneo, não tem se constituído forma, por excelência, para marcar adversidade.

Na tabela 1, expomos a frequência *token* e *type* de *todavia* durante os séculos investigados.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
54	06		
	Categoria	Valor semântico	Totais
Conjunção (16,7%)		Ambígua: de todo modo, constantemente/ adversativo	1 (1,9%)
		Adversativa	8 (14,8%)
Advérbio juntivo (40,7%)		Ambígua: de todo modo, constantemente/ adversativo	1 (1,9%)
		Adversativo	21 (38,8%)
Advérbio (42,6%)		Advérbio espacial ( <i>em todo o caminho</i> )	1 (1,9%)
		Advérbio de modo I ( <i>de todo modo</i> ; <i>constantemente</i> )	18 (33,3%)
		Advérbio de modo II ( <i>completamente</i> )	2 (3,7%)
		Reforço	2 (3,7%)
	Total		54 (100%)

**Tabela 01:** Frequência *token* e *type* de *todavia*

Numa análise geral, constatamos que, enquanto o uso conjuncional apresenta uma frequência baixa, 16,7%, o uso adverbial, estágio inicial do processo de gramaticalização, apresenta uma frequência alta,

42,6%. Enquanto categoria de nível intermediário, o uso como advérbio juntivo apresenta frequência de 40,7%, valor não muito distante do uso puramente adverbial, mas muito distante, ambos, do uso mais gramaticalizado como conjunção (16,7%). Em termos frequenciais, esses resultados mais iniciais para *todavia* pode diagnosticar um processo de gramaticalização lento ou tardio na história da língua.

Ainda sob esse panorama mais geral, que considera os resultados de todos os séculos conjuntamente, o valor semântico que se sobressai no uso de *todavia* é o de adversativo (53,6%), independentemente da classe categorial que o item integra.

Essas informações gerais sobre o comportamento categorial e semântico de *todavia*, ou seja, de sua alta frequência como advérbio e como adversativo, podem levar a hipotetizar que sua mudança semântica é anterior à categorial. Entretanto, apenas uma análise que considera o comportamento sintático-semântico do item nas diferentes sincronias permitirá confirmar ou refutar essa hipótese, como se verá mais adiante. Por ora, vejamos nas ocorrências de (01) a (09), ocorrências exemplificativas de cada um dos *types* considerados na tabela 1.

### i) Sintagma nominal como advérbio espacial

- (01) Assi andaram todo aquel dia, que nom falaram em al, senom que dizia Erec que **todavia** teeria sua promessa; mais muito se maravilhava que era o que queria pidir. (13DSG, p.10)

Na ocorrência (01), *todavia* é usado em um contexto de deslocamento espacial, favorecendo, assim, a leitura de advérbio de espaço. Numa leitura atualizada da ocorrência, teríamos: Assim andaram todo aquele dia, que não falaram outra coisa, se não que dizia Erec que teria sua promessa em todo o caminho (...).

### ii) Advérbio de modo I

- (02) E el-rei, que era tam cuitado, que bem conheceu que sua morte era cegada, quando ouviu falar Galvam em esta guisa, conheceu que era companheiro da Mesa Redonda; mas, sem falha, nom cuidou que era Galvam, polas armas que havia cambadas. E Galvam, que estava ante el-rei em giolhos, **todavia** rogava-lhe por Deus e por misericórdia que lhe perdoasse sa morte. (13DSG, p.01)

Em (02), *todavia* é considerado um advérbio que estabelece uma relação modal que pode ser parafraçada por “de todo modo”, “constantemente”, ou seja, “Galvão, diante o rei e de joelhos, rogava, constantemente, a Deus e a misericórdia, que lhe perdoasse sua morte. Nenhuma leitura de adversidade é possível de ser apreendida nesse contexto.

### iii) Advérbio de modo II

- (03) No meio das cahoticas leituras a que então me entregava, devorando com equal voracidade romances e livros de sciencias naturaes, poetas e publicistas e até theologos, a leitura do *Fausto* de Goethe (na tradução franceza de Blaze de Bury) e o livro de Rémusat sobre a nova philosophia allemã exerceram **todavia** sobre o meu espirito uma impressão profunda e duradoura: fiquei definitivamente conquistado para o *Germanismo*; e, se entre os francezes, preferi a todos Proudhon e Michelet, foi sem duvida por serem ests dois os que mais se resentem do espirito de Alem-Rheno. (19CAQ, p.2)

Na ocorrência (03), *todavia* estabelece uma relação adverbial de modo com o sentido de *completamente*. Numa leitura atual dessa ocorrência, teríamos: “(...) a leitura do *Fausto* de Goethe e o livro de Rémusat sobre a nova filosofia alemã exerceram *completamente* sobre meu espírito uma impressão profunda e duradoura.”.

#### iv) Reforço adverbial

- (04) Como assi seja que em duas maneiras se faça a alguem enjuria: hua per engano, e outra per força, o engano perteece aa rraposa, e a força ao liom, e cadahua delas he muy estranha da natureza do homem. Mas **todavia** o engano he mais digno de sseer avorrecido. (15LO, p.17)

Como se nota, em (04), *todavia* funciona apenas como reforço da direção argumentativa do enunciado encabeçado pelo *mas*.

Embora Câmara (1975) e Castilho (2004) defendam que os itens adversativos, em geral, adquiririam, metonimicamente, esse valor de adversidade em contextos de co-ocorrência com outro adversativo, os dados mostrados na tabela 1 acima apontam uma frequência muito baixa da função de reforço (3,7%) de *todavia*, o que, em princípio, leva-nos a descartar essa hipótese para a história desse item em particular.

#### v) Advérbio de modo II/ Advérbio juntivo adversativo

- (05) E depois de terdes dito e Repricado todo o que vos mamdo, e vos mais parecer que compre por algũu novo caso ou Reposta delRey, que se não pode adivinhar, não sayndo, porẽ, nada d'esta tençom e sentença, nẽ dando ocasiom que vos Responda cousa a que vos seja neçesareo Responder mais aspero do que vos vay apontado, se **todavia** elRey nã quyser mãdar corrigir estas Represareas, e sua Reposta for sem efeyto, ou de se desfazerẽ de todo, ou de se nellas sobre estar atee se o caso tornar a ver por justiça; e depois de vos hũa ou duas vezes a tall Reposta não terdes Recebida, dizemdo que a não aveis aimda por Reposta, e esperaraaes, e lhe pedires muyto por merçe que o queira melhor cuydar, e lembrarse do que lhe tendes dito de minha parte. (16CDJ3, p.10)

Em (05), *todavia* ocupa uma posição medial dentro de uma oração dependente. Essa ocorrência possibilita duas leituras – de modo e adversativa –. Numa leitura de modo, *todavia* poderia ser parafraseado por *de todo modo*, isto é, o locutor afirma para o seu interlocutor que ele faça algo *de todo modo* o rei não quiser mandar corrigir as represálias. Já numa leitura adversativa, no primeiro enunciado, o locutor defende a ideia que se deva procurar o rei para se ter a resposta; no segundo enunciado, entretanto, aponta para o seu interlocutor o que deve fazer, caso o rei não responda.

- (06) Eis aqui por que, entre tantas cousas difficeis e intrincadas que, n'essa noite, com esforço arrancava da memoria e da intelligencia me esqueceu esta simplicissima, e que me acompanha sempre o espirito como uma companheira misteriosa – a lembrança dos que choram.  
E **todavia**, meu amigo, se um bom syllogismo vale muito, uma lagrima bem quente, bem viva e bem sentida, deve valer tanto – ou muito mais ainda. O peso duma lagrima! (19CAQ, p.18)

O juntivo *todavia*, em (06) ocupa posição medial e estabelece apenas a relação semântica de adversatividade, em que, o segundo enunciado serve como um novo argumento – o peso de uma lágrima – para o que estava sendo dito no primeiro enunciado. A relação sintática de ligar as orações é estabelecida pelo conector *e*.

- (07) Estas circumstancias pareceriam sufficientes para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, **todavia**. (19CAQ, p.30)

Em (07), *todavia* ocupa posição final e estabelece a relação de adversatividade entre as duas orações, uma vez que o primeiro enunciado traz o argumento de que as circunstâncias seriam suficientes para silenciá-lo, enquanto o segundo enunciado argumenta na direção oposta – as circunstâncias não são suficientes –. A relação sintática se dá por justaposição.

#### vi) Conjunção adversativa

- (08) – Ai, senhoram disse Meraugis, eu soõ ainda novel cavaleiro e soõ de pequena nomeada, e rogo-vos por Deus que me leixedes ir convosco ataa que veja que vós havedes mester de companha, ca o

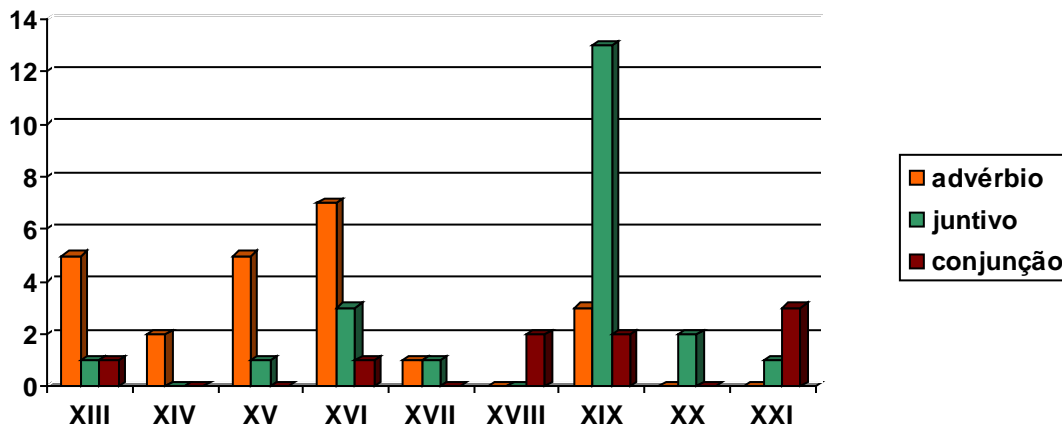
coraçom me diz que vos há-de contecer alguu mal.  
 – Nom farám, disse Erec, se Deus quiser.  
 – **Todavia**, disse Meraugis, vos rogo que me leixedes convosco ir.  
 E el lho outorgou. (13DSG, p.10)

Na ocorrência (08), *todavia* apresenta características de uma conjunção prototípica, ou seja, ocupa posição inicial, articula as orações tanto no nível sintático quanto no nível semântico. Entretanto, no nível semântico, permite duas leituras, de modo e adversativa. Numa leitura de modo, *todavia* tem sentido de *de todo modo*, ou seja, o cavaleiro roga *de todo modo* a sua ida junto a Erec. Já, numa leitura adversativa, estabelece uma relação de contra-argumentação, em que, a partir do primeiro argumento, conclui que Meraugis não acompanhará Erec, enquanto, no segundo argumento, a conclusão é em direção oposta, Meraugis vai junto com Erec. Essa ambigüidade, entretanto, não se verifica na ocorrência (70), na qual prevalece o valor semântico de adversidade.

(09) Preços e juros em alta reforçam a tendência de desaquecimento econômico, o que deveria contribuir para o declínio da inflação. **Todavia** as aplicações especulativas nos mercados futuros sustentam os preços altos. (21FSP, jun.08)

Nessa ocorrência, *todavia* comporta-se como conjunção prototípica, pois estabelece a relação semântica de adversatividade, em que, no primeiro argumento, o locutor defende que ocorre um declínio da inflação, uma vez que os preços e juros estão em alta, para, no segundo argumento, concluir que a inflação não vai sofrer um declínio.

A partir dos *types* considerados acima, no gráfico 2, apresentamos o comportamento categorial de *todavia* durante os séculos investigados, a fim de deprendermos o momento em que se deu seu processo de mudança.



**Gráfico 02:** O desenvolvimento categorial de *todavia* do século XIII ao XXI.

Até o século XVI, há o predomínio da função adverbial de *todavia*, que, a partir do século XVII, torna-se oscilante, rumo ao completo desaparecimento nos séculos XX e XXI. Na sincronia atual, destaca-se o uso conjuncional em relação à função juntiva, caracterizando o início do processo de mudança *advérbio juntivo* > *conjunção*, pois, como diagnosticamos na tabela 1, a percentagem geral de usos como *advérbio juntivo* é significativamente maior que a percentagem dos usos conjuncionais.

Diante desses resultados, é possível propor que *todavia* passou por um processo de recategorização, que obedece a seguinte escala de gramaticalização:

(10) **SINTAGMA NOMINAL COMO ADVÉRBIO ESPACIAL** > **ADVÉRBIO DE MODO (I / II)** > **ADVÉRBIO JUNTIVO** > **(CONJUNÇÃO)**



seja, o seu uso mais gramaticalizado como adversativo é uma extensão de seu significado físico, uma vez que a base cognitiva da adversatividade encontra amparo em um esquema do tipo: *por nenhum caminho (mental ou conversacional) que tomemos chegaremos ao ponto (à conclusão) esperado(a)*.

## Considerações Finais

O presente texto teve como objetivo apresentar a mudança sintático-semântica do juntivo adversativo *todavia* na história do português. Para tanto, trabalhamos com os fatores *categoria do item*, *função semântica estabelecida por ele* e *século*. A partir dos diferentes cruzamentos feitos entre esses fatores, diagnosticamos que, possivelmente, a mudança semântica de *todavia* é anterior a mudança categorial, pois, como vimos na tabela 1 e nos gráficos 2 e 3, o percentual de usos como adversativo é, significativamente, maior que o percentual de usos conjuncionais, estágio mais gramaticalizado.

Para explicarmos a mudança semântica de *todavia*, valemo-nos dos trabalhos de Sweetser (1990) sobre os adversativos *tuttavia* e *anyway* e dos trabalhos de Rocha (2006) sobre a motivação metafórica dos adversativos. A mudança semântica do juntivo *todavia* explicada por um viés metafórico mostra que a mudança foi implementada por meio da escala de abstratização *espaço > (tempo) > texto* (Heine *et al.*, 1991), abstratizando, segundo Sweetser (1990), o valor de *via*, que deixa de significar um caminho espacial e passa a significar um caminho mental utilizado pelo falante para estabelecer a conclusão que, no caso de *todavia*, é um conclusão inesperada. Num trabalho posterior, mostraremos a importância da metonímia para explicar os estágios intermediários que há entre *espaço* e *texto*.

Em suma, uma análise conclusiva de *todavia* será buscada na análise comparativa do item com a mudança histórica dos demais itens pesquisados no projeto maior, o que permitirá recompor uma trajetória mais segura de mudança tanto para *todavia* quanto para os demais itens.

## Referências Bibliográficas

BYBEE, J., PERKINS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: Thomasello, M. (ed.) *The New Psychology of Language*. vol. II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

HEINE *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ROCHA, A.P.A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SWEETSER, E. *From Etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. "From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization". *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. Lehmann, C., Malkiel (orgs), 24:245-271, 1982.

\_\_\_\_\_. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999.

TRAUGOTT, E; KÖNIG, The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. TRAUGOTT, E., HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.